



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM RESENHAS PUBLICADAS EM BLOGS
LITERÁRIOS**

Juliana Beatriz do Nascimento Pinto Rodrigues

Rio de Janeiro

2020

JULIANA BEATRIZ DO NASCIMENTO PINTO RODRIGUES

**INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM RESENHAS PUBLICADAS EM BLOGS
LITERÁRIOS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Leonor Werneck dos Santos.

RIO DE JANEIRO

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por prover saúde mental e física para chegar até aqui.

Agradeço ao meu marido Caio César por suportar todos os meus berros, todas as músicas de K-pop que ouvi nesse período e por sempre dizer que eu conseguiria.

A minha família por me apoiarem de formas diferentes, mas decisivas. Principalmente meus irmãos Isabella e João Gabriel - mesmo mais novos, vocês são meus exemplos. Foi por vocês que não desisti nas inúmeras vezes que pensei ser impossível concluir essa jornada.

Agradeço à anjinha que apareceu na minha vida, conhecida como Leonor Werneck. Professora, obrigada por mostrar o que uma orientadora faz de melhor e confirmar que essa profissão precisa de amor e dedicação. Agradeço também à professora Márcia Machado por aceitar participar da nossa jornada que se finda com esse trabalho.

Agradeço também a minha coach Marcelle Mayne - sem você nada seria possível - e também a Amanda Azevedo por ter me aturado por oito anos nos corredores e departamentos da UFRJ. Vocês são parte da minha história, soul sisters.

Todos presentes na minha jornada até aqui cimentaram um tijolinho na minha carreira.

Thank you!

Gracias!

감사합니다!

Merci!

Obrigada!

“Yeah, I know that it hurts, but the Sun will shine through

There's gon' be better days, better days, better days

Around the corner, it's true

I said: I know there's gonna be better days for you

In a new world with new problems, hold on tight

'Cause no storm lasts forever (ain't that a truth?)

[...]

We lost our old lives

I swear you'll find a brand new you

We'll rise up from the madness

Like a phoenix from the ashes.”

SuperM - Better days

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. GÊNERO TEXTUAL E SUPORTE: AS RESENHAS DE BLOGS LITERÁRIOS.....	5
1.1. A questão dos gêneros textuais.....	5
1.2 Resenha.....	8
2 FENÔMENO EM FOCO: INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO.....	10
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	15
3.1 Metodologia da pesquisa e descrição do <i>corpus</i>	15
3.2 Análise das resenhas.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24
ANEXOS	26

INTRODUÇÃO

Esta monografia objetiva observar como ocorre a indeterminação do sujeito em blogs literários. Para tanto, procederemos a uma coleta de dados em algumas resenhas dos blogs *Livreando*, *Listas Literárias* e *Papo de Autor*, apontando os momentos em que ocorre a indeterminação do sujeito. Nossa preocupação com o tema surgiu a partir do questionamento sobre como o fato de essas resenhas literárias serem veiculadas por meio de blogs afeta o estilo de escrita, sobretudo, quando se trata da voz do enunciador. Dessa forma, levantamos a hipótese de que a indeterminação do sujeito é utilizada em resenhas para deixar o texto mais impessoal e, portanto, com um caráter mais científico, visto que na resenha pressupõe-se a voz de uma autoridade no assunto abordado. Objetivamos, pois, dois alvos: 1 verificar como ocorre a indeterminação do sujeito em resenhas de blogs literários e 2 analisar o efeito de sentido que tal fenômeno pode desempenhar neste gênero textual específico.

Nosso trabalho estrutura-se em três capítulos, além dos anexos. O primeiro capítulo, intitulado “Gênero textual e suporte: as resenhas de blogs literários”, trata de questões acerca da definição de gênero textual, de hipergênero e de suporte. Além disso, refletimos sobre as mudanças pelas quais alguns gêneros têm passado para se adequarem à era da internet. Exploramos, ainda, o conceito do gênero resenha e sua estrutura interna, considerando aspectos como quem escreve e para quem escreve.

No segundo capítulo, chamado “Fenômeno em foco: indeterminação do sujeito”, problematizamos o conceito de sujeito e as subdivisões propostas pelos principais gramáticos tradicionais, já que, para sabermos com clareza no que consiste a indeterminação do sujeito, precisamos primeiro ter em mente o que é um sujeito. Ainda, apresentamos um conceito de indeterminação do sujeito e apontamos algumas estratégias de indeterminação.

Em “Análise e discussão dos dados”, terceiro e último capítulo, propomos uma análise para o *corpus* já mencionado. Tal análise se baseia numa metodologia qualitativa, de cunho interpretativista, utilizando a quantificação de dados para compreender o *corpus* selecionado. Aliamos, desta forma, o fenômeno linguístico de natureza sintático-semântica a aspectos da Linguística de Texto, como o propósito comunicativo e gênero textual. Finalmente, nos anexos, reproduzimos as resenhas utilizadas na coleta de dados que compõem o *corpus* desta pesquisa.

1 GÊNERO TEXTUAL E SUPORTE: AS RESENHAS DE BLOGS LITERÁRIOS

1.1 A questão dos gêneros textuais

Trabalhar com gêneros textuais é uma tarefa cada vez mais complexa, pois eles podem surgir ou desaparecer em determinada comunidade, dado que o contexto quem vai comandar o gênero a ser escolhido e utilizado pelo enunciador. Segundo Bakhtin (2006 [1953], p. 282; grifo do autor), um dos principais expoentes e precursor da análise de gêneros textuais¹ contemporaneamente, um enunciado só pode ocorrer em um sistema determinado, um modelo; nesse sentido, o indivíduo condiciona o que tem a dizer ao gênero textual escolhido:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. Tais gêneros existem antes de tudo em todos os gêneros mais multiformes da comunicação oral cotidiana, inclusive do gênero mais familiar e do mais íntimo.

Bakhtin, embora não tenha formulado uma teoria dos gêneros, foi pioneiro e ponto de partida para os estudos linguísticos recentes sobre gêneros textuais, uma vez que atentou para a importância do social, isto é, da “situação concreta da comunicação discursiva” em cada ato de fala. Assim sendo, não poderíamos falar de gêneros textuais sem falar da enorme contribuição de Bakhtin.

É importante notarmos que, apesar de Bakhtin considerar a subjetividade do enunciador, isto é, a sua “intenção discursiva”, o estudioso deixa claro que é necessário adaptar a intencionalidade a uma estrutura pré-estabelecida e construída socioculturalmente – o gênero textual. E isso acontece em todas as situações que envolvem o uso de linguagem – oral, escrita, multimodal; mais formal ou informal –, todas essas atividades são condicionadas por gêneros pré-determinados. A vontade do falante atua, pois, tanto na escolha do assunto que quer comunicar quanto na escolha do gênero por meio do qual vai comunicar. Portanto, o estudo de gêneros é de suma importância para entendermos as diferentes maneiras de comunicar.

¹ Nesta monografia, não polemizaremos a respeito da possível diferença entre os termos “gêneros textuais” e “gêneros discursivos”, defendida por autores como Motta-Roth (2002).

Mas, o que é, de fato, um gênero textual (GT)? Pelo fato de os gêneros serem muito fluidos, surgirem e desaparecerem devido a fatores externos, fica realmente complicado conceituarmos GT de forma precisa. Além disso, há GT que estão em uma linha tênue quanto a características próprias da oralidade e da escrita, o que põe em xeque a divisão proposta por alguns livros didáticos entre gêneros orais e gêneros escritos.

Segundo Marcuschi (2002, p. 19), os gêneros textuais são entendidos como manifestações culturais, que podem surgir e desaparecer de acordo com o contexto situacional:

Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer.

Sobre o estudo de gêneros textuais no Brasil, importa dizermos que este se desenvolveu bastante ao longo das duas últimas décadas, principalmente devido aos avanços tecnológicos, como a televisão e a internet, por exemplo, que trouxeram para o debate a questão dos gêneros digitais. Assim, muito tem sido discutido acerca dos gêneros textuais que surgiram e de outros já existentes que se adaptaram ao novo contexto. Por exemplo, com a popularização da internet, várias redes sociais foram criadas e, com elas, apareceu um novo gênero textual: o “textão”. Tal gênero é semelhante a um artigo de opinião, mas com características próprias da rede social, como, por exemplo, a limitação do número de caracteres, a possibilidade de adicionar fotos e/ou vídeos ao “textão” – o que configura uma mistura de gêneros –, entre outras particularidades. Dessa maneira, começa-se a questionar o que, de fato, define um gênero textual e o que os diferencia entre si; o que leva a outro questionamento: em que medida o suporte influencia no gênero textual? Além disso, há uma discussão acerca de hipergêneros (cf. BONINI, 2011) que abarcariam outros gêneros, tal como o jornal, que pode englobar a propaganda, a charge, etc.

Bonini (2011, p. 688) caracteriza um gênero textual como uma “unidade da interação linguageira que se caracteriza por uma organização composicional, um modo característico de recepção e um modo característico de produção. Pode ser de natureza verbal, imagética, gestual, etc. e, como unidade, equivale ao enunciado bakhtiniano”. Ou seja, o gênero textual é definido principalmente pelo contexto, tanto de produção quanto de recepção, pois, quando se escolhe um gênero para se comunicar, não se pensa apenas no que se quer dizer, mas também em como o ouvinte receberá o comunicado. Em outras palavras, a partir do estudo de gêneros

estudamos não só a intenção do falante em veicular aquele conteúdo daquela forma específica, como também o que o falante espera como recepção de seu ouvinte, ou seja, qual a reação do interlocutor ao receber tal mensagem.

Quanto à mistura de gêneros, alguns teóricos preferem trabalhar com a noção de hipergênero. Bonini (2011) trata o hipergênero como um gênero superior que está diretamente ligado a outros gêneros. É o caso de um *site*, por exemplo, com uma estrutura própria que o caracteriza, mas intimamente ligado a outros gêneros, como resenhas, artigos, notícias, charges, propagandas, etc. Nas palavras de Bonini (2011, p. 692), “Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o *site*, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada, etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista, etc.)”.

Quanto ao suporte, não se chegou em um conceito que seja consenso entre os estudiosos, ainda que não haja dúvidas que a relação entre gênero e suporte é muito importante. Para Marcuschi (2003, p. 13; grifos do autor), o suporte fixa o gênero, entretanto isso não quer dizer que o suporte vai determiná-lo:

O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado. Contudo, o suporte não deixa de operar como um certo tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. [...] A ideia central é que **o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele.**

Já Távora (2008) construiu um conceito de suporte, considerando-o sob três critérios metodológicos: a matéria, a forma e a interação. A matéria diz respeito ao plano físico, ou seja, a matéria é responsável pelo registro, pela atualização e pelo acesso aos gêneros textuais. A forma corresponde a “como essa matéria é tratada e socialmente manipulada, se ela é vista como um objeto novo e ainda se ela encerra em si determinadas funções ou atributos” (TÁVORA, 2008, p. 35). Dessa forma, podemos olhar a forma sob dois aspectos: o da atualização da linguagem – verbal ou não verbal – e o da interatividade, que diz respeito à recepção, ao tempo e ao modo de resposta. A interação, por seu turno, “é uma categoria que permite avaliar se o suporte é uma entidade material/ formal convencionalizada, ou não convencionalizada, portanto uma entidade que permite interação por admitir inscrição, arquivamento, transporte de gêneros, na presença de seus interlocutores ou na ausência de um deles” (TÁVORA, 2008, p. 35).

Para Bonini (2011, p. 688), por sua vez, o suporte é visto como um componente da mídia. Por seu turno,

... uma mídia seja um processo tecnológico de mediação da interação linguageira. Uma mídia estabelece coordenadas (processos de edição, relações espaciais e temporais particulares entre interlocutores, etc.) às quais o gênero se ajusta, de modo que as várias versões de uma mesma notícia na televisão, no rádio, no jornal e na internet são coisas relativamente distintas em função do tipo de mediação linguageira que estão sujeitas. Em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação linguageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula. Mas não se trata de um elemento inócuo em relação ao gênero, uma vez que é a mídia que determina as coordenadas de cada gênero que nela circula.

Nesse sentido, o suporte atua como o elemento material, responsável pela organização, produção e recepção da mídia. Para Bonini (2011, p. 689), então, o suporte é um elemento secundário nas relações com o gênero textual, tendo a mídia papel de destaque junto ao gênero na interação: “Podemos dizer, desse modo, que a interação se faz por meio de gêneros e que esses gêneros circulam em mídias”.

1.2 O gênero textual resenha

A resenha é comumente arrolada entre gêneros utilizados no meio acadêmico e parece ser consenso entre os estudiosos da área que a resenha é um texto que fala de um outro texto, com caráter resumitivo e avaliativo. Segundo Medeiros (2006, p. 153-154),

Resenha é, portanto, um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação).

Motta Roth (2002), após analisar mais de 200 resenhas, em português e em inglês, das áreas de Linguística, Economia e Química, descreve as quatro etapas constitutivas de uma resenha: apresentar, descrever, avaliar, (não) recomendar o livro. É importante observarmos que essas etapas podem, ou não, incluir subetapas, dependendo de fatores como quem está escrevendo a resenha, ou o público-alvo, por exemplo. Nesse sentido, a apresentação da obra consiste em indicar título, autor, ano, objetivos da obra, características físicas e outros aspectos que se julgarem relevantes. A descrição da obra, por sua vez, objetiva apresentar a organização do livro e resumir suas partes. Na avaliação da obra, o resenhista procura elogiar ou criticar a obra, elencando, entretanto, o porquê de tal parecer. Finalmente, na (não) recomendação da obra, o resenhista explicita se indica ou não a obra e para qual público o

(não) faz. Convém apontarmos que essas etapas não são estanques, mas podem se sobrepor; nas palavras de Motta-Roth (2002, p. 28-29, grifos da autora):

Em geral, essas ações tendem a aparecer nessa ordem e podem variar em **extensão**, de acordo com o quê e o quanto o resenhador deseja enfatizar em sua análise do livro, ou podem variar em **frequência**, de acordo com as características da obra ou o estilo do resenhador (se tende a ser mais descritivo ou mais avaliativo em seu texto). [...] Por outro lado, dependendo do estilo do resenhador, a descrição e a avaliação de partes específicas do livro aparecem juntas, sintetizadas no mesmo trecho e, às vezes, na mesma sentença.

É importante ressaltarmos aqui que, embora figure no meio jornalístico, a resenha geralmente é entendida como um gênero acadêmico, inserido no meio escolar/universitário, que “serve para incrementar o diálogo acadêmico entre pesquisadores” (MOTTA-ROTH, 2002, p. 44). Contudo, vemos que, principalmente com a internet e as plataformas digitais, o gênero resenha está cada vez mais popular em blogs e redes sociais; e, inclusive, o objeto resenhado pode ser uma maquiagem, um creme para o cabelo, entre outros produtos. Além disso, a resenha nem sempre é feita por meio de texto escrito: pode ser por vídeo, podcast, etc. Outra questão é o fato de que comumente se entende que o resenhista é especialista no assunto resenhado “seja numa relação de simetria entre resenhador dirigindo-se a seus pares, ou numa relação descendente em que o resenhador se coloca como um especialista opinando para um público-alvo de não iniciados” (MOTTA-ROTH, 2002, p. 44).

2 FENÔMENO EM FOCO: INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

É difícil definirmos um conceito de sujeito indeterminado e delimitarmos como e por que tal fenômeno ocorre. Primeiramente, não há uma definição satisfatória de sujeito nas gramáticas tradicionais (doravante GT). Cunha e Cintra (1985) definem o sujeito como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 119), classificando-o como simples, composto, oculto (determinado), indeterminado, acrescentando na lista a chamada oração sem sujeito. Rocha Lima (LIMA, 2013, p. 288), por sua vez, manifesta opinião semelhante à de Cunha e Cintra, definindo o sujeito como “o ser de quem se diz algo”, classificando-o em simples ou composto, determinado ou indeterminado; acrescenta, ainda, a oração sem sujeito.

Observamos, pois, que a GT utiliza um critério semântico para definir uma categoria sintática. Podemos refutar a definição de sujeito da GT com a seguinte frase: *Essa luta, por mim, considero encerrada*. No exemplo, percebemos que o sujeito, expresso pela desinência verbal, é a 1^o pessoa do discurso, eu. No entanto, “o ser de quem se diz algo” é *a luta*. Trocando em miúdos, a definição de sujeito dada pela GT na realidade se adequa à função (semântica) de tópico. Estudos linguísticos mais recentes, como os de Duarte (2003), Duarte (2014) e Raposo (2013), atentaram a essa questão e propuseram a definição de sujeito com base em um critério sintático: a concordância com o predicador verbal.

Duarte (2003, p. 278) define o sujeito como “o constituinte que satura o predicado ou, por outras palavras, o argumento externo do predicador”. Mais adiante, a linguista diferencia sujeito gramatical de sujeito psicológico. O sujeito gramatical é aquele que estabelece concordância com o predicador verbal, sendo seu argumento externo, e ocupa o lugar mais alto na hierarquia temática. Conforme Miotto et alii (2013, p. 139), a hierarquia temática consiste em uma generalização feita pela maioria dos linguistas que diz que há uma ordem para os papéis temáticos aparecerem em uma oração: “agente/ causativo/ experienciador > tema > benefactivo/ locativo...”. Já o sujeito psicológico corresponde ao que chamamos acima de tópico, isto é, “o assunto acerca do qual se afirma, nega ou questiona o predicado” (DUARTE, 2003, p. 282). Notamos, portanto, que o sujeito definido pela GT não é gramatical e sim psicológico, o que gera inconsistência na análise sintática, uma vez que essa definição – semântica – se encontra na parte de sintaxe da maioria dos manuais de sintaxe da GT.

Quanto ao fenômeno da indeterminação do sujeito, Cunha e Cintra (1985, p. 215, grifos dos autores) o conceituam da seguinte forma: “Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver

interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o SUJEITO é INDETERMINADO”. Já consoante Rocha Lima (2013, p. 289, grifos do autor), “O sujeito ainda pode ser *determinado*, ou *indeterminado*. É *determinado*, se identificável na oração – explícita ou implicitamente; *indeterminado*, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo”.

Observamos, então, mais uma vez, que há uma mistura de critérios: primeiro, para conceituar o sujeito, agora para classificá-lo. No tocante ao sujeito do tipo indeterminado, Duarte (2014, p. 195) alerta-nos para o fato de que tal classificação “só faz sentido se ao sujeito indeterminado se opuser o sujeito ‘determinado’, isto é, o sujeito que tem referência definida no contexto discursivo”. Importa salientarmos aqui que, embora Rocha Lima utilize o termo “sujeito determinado”, o gramático não está se referindo a um sujeito que de fato se oponha ao indeterminado, mas ao sujeito que é identificável tanto lexicalmente quanto por uma desinência verbal, correspondendo ao sujeito oculto de Cunha e Cintra.

Então, como caracterizar a indeterminação do sujeito? Segundo Mendonça (2016, p. 11),

A indeterminação do sujeito é um recurso linguístico utilizado em situações contextuais específicas que envolvem intenções comunicativas, ou seja, o sujeito indeterminado é uma estratégia do âmbito semântico-pragmático, visto que o falante indetermina o referente por não o conhecer ou não querer determiná-lo, buscando impedir ou atenuar eventuais conflitos durante a interação verbal. A indeterminação é um fenômeno atrelado à função semântica de especificidade (ENÇ, 1991), pois o referente indeterminado apresenta o traço [-específico], isto é, não estabelece relação com referente discursivo anteriormente estabelecido no contexto.

Como vemos, o fenômeno da indeterminação acontece em um domínio semântico-pragmático e não sintático. Nesse sentido, vale a pena citarmos Raposo (2013), que articula os conceitos de frase, conteúdo proposicional (e, por conseguinte, proposição) e enunciado. O linguista mostra que, embora sejam conceitos diferentes, eles estão intimamente ligados. A frase, nas palavras do autor, “é uma sequência de palavras numa determinada ordem, que satisfaz as regras e os princípios gramaticais da língua a que pertence, e que descreve uma situação do mundo sobre o qual se fala ou remete para ela” (RAPOSO, 2013, p. 306). O conteúdo proposicional, por sua vez, relaciona-se ao valor semântico da frase, isto é, o que aquela frase descreve no mundo (quer seja um mundo “real” quer “imaginário”). Já o enunciado está ligado ao contexto de comunicação, ou seja, “consiste na realização concreta de uma unidade linguística, por um falante particular, dirigindo-se a um ouvinte ou grupo de ouvintes particular, num lugar e tempo determinados” (RAPOSO, 2013, p. 318). Em suma, para Raposo, a frase deve ser entendida sob as concepções estrutural, funcional e semântica.

Essa perspectiva é importante para nosso trabalho, visto que vamos analisar um conceito sintático (sujeito gramatical), em uma classificação semântica (fenômeno da indeterminação) e em um contexto discursivo determinado (o gênero resenha em blogs literários).

Já vimos o fenômeno do ponto de vista sintático e semântico; devemos agora discuti-lo do ponto de vista da enunciação. Cabe, pois, convocarmos Benveniste (1989) para esta discussão. Para o linguista, a enunciação consiste em “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1976, p. 82), ou seja, o enunciador/locutor serve-se de sua língua a fim de estabelecer contato (implícito ou explícito; real ou imaginário) com um enunciatário. Nesse sentido, o ponto de partida de uma enunciação é o próprio enunciador e é ele quem vai estabelecer suas referências. Interessa termos tais questões em mente para entendermos como a indeterminação do sujeito ocorre na enunciação: se o enunciador (eu) estabelece uma comunicação com um enunciatário (tu), podendo falar sobre uma terceira pessoa (ela/e), as pessoas desse ato são determinadas, pois têm suas referências bem sinalizadas. Então, como o sujeito indeterminado é construído? Para Milanez (1982, p. 26),

estamos, portanto, diante de um processo da língua que permite ao falante passar do universo das três pessoas especificadas e identificáveis (que consideraremos como o nível da determinação) a um nível de generalização, que transcende o anterior por implicar numa referência de tal forma abrangente que pode envolver qualquer pessoa. É o fenômeno da indeterminação.

Para indeterminar o sujeito de um enunciado, há algumas estratégias possíveis. Cunha e Cintra (1985, p. 215, grifos dos autores) destacam duas: “a) ou na 3º pessoa do plural: – **Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.) [...] b) ou na 3º pessoa do singular, com o pronome *se*: Ainda **se vivia** num mundo de certezas. (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)”. Rocha Lima (2013) descreve as mesmas estratégias. Vê-se, pois, que a GT utiliza a não pessoa – a terceira pessoa, que não sou eu (enunciador), nem tu (enunciatário) – a fim de generalizar a referência e indeterminar o sujeito.

Contudo, estudos linguísticos, como o de Milanez (1982), sublinham que há algumas outras formas de indeterminar o sujeito. A autora divide as estratégias de indeterminação do sujeito entre as não lexicais – que incluem os verbos na 3ª pessoa do plural, o verbo em sua forma infinitiva e a 3ª pessoa do singular, com ou sem a partícula -se – e as lexicais – que contam com as formas a gente, você, eles, eu, nós, o/um indivíduo, o/um sujeito, a/uma pessoa, e o/um cara. Quanto à primeira pessoa do plural, Mendonça (2016) aponta que ela

pode ser usada para indeterminar o sujeito, relacionando-a à polidez. Já Machado Vieira (2017), em seu estudo, destaca que a 1ª pessoa do plural aparece como uma estratégia de impessoalização do discurso acadêmico. Duarte (2003), além das estratégias de indeterminação do sujeito elencadas pela GT, aponta também o uso da 2ª pessoa do singular como uma estratégia de indeterminação. É comum a todas essas estratégias um esvaziamento da referência, que, nesses casos de indeterminação, passa a ser geral ou hipotética. Segundo Milanez (1982, p. 31, grifos da autora),

Parece, portanto, que com os pronomes *eu*, *você* e os SNs *o indivíduo*, *o sujeito*, *o cara*, etc. o mecanismo de indeterminação funciona através de uma *projeção* de um dos elementos do nível da determinação ao da indeterminação, sendo o envolvimento da 1ª pessoa, 2ª e 3ª meramente hipotético, ou seja, as mesmas seriam usadas para efeito de ilustração de uma situação onde qualquer pessoa poderia se encontrar.

Concluimos, portanto, que a generalização da referência implica indeterminação do sujeito. Por exemplo, na frase, retirada da resenha 3 do blog Livreando, *É um livro que flui de maneira rápida e quando **você** percebe já está na última página com um coração confortado e cheio de ternura*, o sujeito *você*, apesar de ser lexicalmente expresso, não tem sua referência marcada no contexto, podendo se referir a qualquer interlocutor.

Cabe ressaltarmos que a indeterminação do sujeito não é um fenômeno estanque; convém olhá-lo de forma gradual, de acordo com a intencionalidade no ato da enunciação. Em relação à identificação desses graus, Milanez (1982, p. 82) aponta:

Na verdade, para a identificação dos graus de indeterminação, dois fatores foram relevantes: a própria forma lexical dos recursos, que já determina, de certa forma, a amplitude de generalização dos mesmos, e o contexto, que desempenha muitas vezes um papel de ‘controlador’ dessa abrangência.

O grau mais alto de indeterminação ocorre por meio das formas não marcadas, ou seja, a terceira pessoa do singular, acrescida ou não da partícula ‘-se’, e o infinitivo. O grau intermediário de indeterminação se manifesta por meio de formas lexicais expressas, como ‘a gente’, ‘eu’ e ‘você’. O grau mais baixo, por sua vez, é expresso pela terceira pessoa do plural. Cumpre destacarmos, ainda, que a indeterminação do sujeito desempenha algumas funções pragmático-discursivas (cf. MILANEZ, 1982): desfocalização do sujeito, exemplificação, descomprometimento e ocultação do sujeito. A desfocalização do sujeito consiste em remover o foco do sujeito e aplicá-lo na ação verbal e/ou no complemento verbal;

por exemplo, na frase *Vende-se esta casa*, o foco está na ação de vender e no objeto vendido. A exemplificação acontece quando o falante se serve de referências aparentemente estabelecidas para fazer generalizações; por exemplo, o uso de ‘eu’ ou ‘você’ para falar de sujeitos hipotéticos, que não são nem o falante nem o ouvinte propriamente ditos, mas que também poderiam ser, como na frase *Você sempre sabe quando estão te enganando*. O descomprometimento, por sua vez, relaciona-se à intencionalidade em amenizar ou eliminar sua responsabilidade no ato, ou seja, consiste na troca da primeira pessoa do discurso pela terceira, com vistas a um não comprometimento; por exemplo, *O departamento não emitiu o comunicado*, quando emitido por um membro deste departamento, configura uma recusa à responsabilidade de tal emissão. Finalmente, a ocultação do sujeito ocorre quando o falante deseja esconder o agente da ação ou por cumplicidade ou ainda por desconhecimento, como no clássico exemplo *Falaram mal de você*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Metodologia da pesquisa e descrição do *corpus*

Nossa metodologia de pesquisa é de cunho qualitativo, ou seja, com um viés interpretativista, visto que analisaremos um *corpus* visando a traçar um panorama de como a indeterminação do sujeito acontece em blogs literários. Conforme explica Bortoni-Ricardo (2008, p. 42), a “pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações”. Buscamos, pois, observar o efeito de sentido que a indeterminação causa nessas resenhas.

O *corpus* de nossa pesquisa caracteriza-se por uma seleção de resenhas coletadas dos blogs *Papo de autor*, *Listas Literárias* e *Livreando*. A escolha desses blogs deveu-se a nossa familiaridade com as plataformas, além do sucesso entre leitores. Quanto ao perfil dos autores das resenhas, todos possuem formação superior, embora nem todos estejam na área de Letras. O blog “Papo de autor” conta com resenhas escritas por dois autores-escritores, Waldir L. Santos e Vinícius Mendes; o primeiro é engenheiro eletricista de formação e o segundo tem formação de redator publicitário. “Listas literárias” é comandado por Douglas Eraldo, escritor formado em Letras-Literaturas. “Livreando”, por sua vez, foi criado por Tammy Nunes, pedagoga, ajudada por Karol Gonçalves, arquiteta e urbanista.

No que diz respeito à escolha das resenhas, procuramos selecionar textos atuais (nenhum texto anterior a esta década) que abordassem livros famosos entre os blogs literários. Nesse sentido, o *corpus* foi composto de dezesseis resenhas, que apresentaram um total de 47 ocorrências de sujeito indeterminado. Além disso, usaremos a quantificação dos dados para exemplificarmos em que proporção e em que contextos a indeterminação do sujeito ocorre em resenhas de blogs literários. A quantificação dos dados ajudará a enxergar com mais clareza qual a estratégia preferida, dentro do *corpus* analisado, para indeterminar o sujeito; dessa forma, podemos comparar as estratégias utilizadas e mensurar que sentido produzem no texto.

Organizamos o *corpus* da seguinte forma: as seis resenhas (R) de cada blog estão numeradas sequencialmente, *Papo de autor* (PA) contando com quatro resenhas, *Livreando* (L) e *Listas Literárias* (LL). Dentro de cada resenha, as ocorrências de indeterminação do sujeito serão elencadas na ordem em que aparecem no texto e referenciadas em ordem alfabética. Por exemplo, para referirmo-nos ao terceiro exemplo (c) de indeterminação do sujeito na segunda resenha (R2) do blog “Papo de autor” (PA), falaremos da ocorrência “PA,

R2c”. No quadro abaixo, expomos o total de ocorrências de indeterminação do sujeito em cada resenha.

	R1	R2	R3	R4	R5	R6
PA	4	3	7	2	xxx	xxx
L	2	4	2	2	3	4
LL	4	1	2	2	2	3

Quadro 1- Ocorrências de indeterminação do sujeito por resenha

3.3 Análise das resenhas

Das 16 resenhas analisadas, encontramos 47 ocorrências de indeterminação do sujeito, uma média de três ocorrências por resenha, mais ou menos. Primeiramente agrupamos todas as ocorrências dividindo-as pelos seus tipos: 3ª pessoa do singular + -se, 1ª pessoa do plural, você/s + 3ª pessoa, “temos” com valor existencial e uma categoria que intitulamos “outros”, em que constam estratégias de indeterminação por um sintagma nominal como “o leitor”, por exemplo, e do uso do infinitivo. No Quadro abaixo, mostramos essas ocorrências divididas pelos blogs:

	<i>Papo de autor</i>	<i>Livreando</i>	<i>Listas literárias</i>	Total
3ª pessoa sing. + -se	1	xxxxx	1	2
1ª pessoa do plural	5	13	10	28
você/s + 3ª pessoa	7	3	1	11
“temos” existencial	1	1	1	3
outros	2	xxxxx	1	3

Quadro 2- Ocorrências de indeterminação do sujeito por blog

A partir dos dados acima expostos, podemos tecer algumas considerações. Primeiramente, verificamos que a estratégia de indeterminação do sujeito considerada

prototípica pela gramática normativa, 3ª p. sing. + -se, é a que menos se realiza de fato, só ocorrendo duas vezes:

PA, R2c) “Se por um lado **pode-se argumentar** que a temática da importância da memória se reforça com esse recurso, raramente acrescenta algo ao que está sendo narrado.”

LL, R1b) “No entanto, cabe dizer que a escolha narrativa de apresentar três vozes em primeira pessoa, embora funcione e não prejudique o enredo, por outro lado no que diz respeito a estrutura e técnica **fica-se com a sensação** de tais vozes serem muito próximas, cujas nuances que as distinguem são tímidas, e assim, Rachel, Megan e Anna acaba soando semelhantes demais.”

No primeiro exemplo, há uma construção que aparentemente está cristalizada, “pode-se + infinitivo”; além disso, percebemos que o autor da resenha, ao indeterminar o sujeito dessa forma, se exclui desse agente e eleva ao grau máximo a indeterminação, entendendo-se aqui o sujeito como “qualquer um, diferente de mim, que argumente”, tendo a função de ocultação do sujeito. Já no segundo exemplo, há também o grau máximo de indeterminação expresso pela 3ª pessoa do sing. + -se, mas a função é de descomprometimento. Quanto ao efeito de sentido dessa estratégia de indeterminação, podemos dizer que a partícula -se em posição enclítica ao verbo imprime um tom de autoridade, uma vez que esta estratégia é a prescrita pela gramática tradicional. Além disso, percebemos que esta estratégia foi utilizada no momento da resenha em que o autor expressa sua opinião. Embora esteja claro que a opinião ali emitida é a do resenhista, o uso da indeterminação do sujeito em seu grau máximo transmite uma impressão de que quem está falando é um especialista no assunto e, sendo um especialista, o resenhista pode falar por toda uma comunidade.

A primeira pessoa do plural foi a estratégia de indeterminação mais usada em nosso *corpus*, contando com 28 ocorrências.

PA, R2a) “Enquanto **conhecemos** melhor o Velho Guerrilheiro do título...”;

PA, R2b) “...também **passamos a conhecer** melhor o narrador, herdeiro da cultura familiar de seus pais e avôs, e consequentemente fruto desses elementos.”;

PA, R3b) “As culturas de cada grupo que formam o mundo apresentado nesse livro são bem caracterizados e o choque entre as diferentes camadas sociais, apesar de serem as típicas que **encontraríamos** numa obra mais realista, fazem completo sentido dentro desse universo.”;

PA, R3c) “**Passamos** então dois terços do livro lendo sobre diversos acontecimentos diretamente ligados às regras e costumes dos Clã dos Magos, como a hierarquia, o uso dos poderes e a organização das buscas, sem que qualquer desses elementos seja apresentado direito antes do terço final.”;

PA, R4a) “No segundo volume da trilogia de Trudi Canavan (a resenha do primeiro pode ser lida aqui), **acompanhamos** Sonea exatamente havia sido deixada, uma aprendiz recém aceita no Clã dos Magos.”;

L, R1a) “Em A Vingança Veste Prada **reencontramos** Andy 10 anos após a sua decisão de abandonar a Runway e Miranda para seguir seu próprio caminho.”;

L, R1b) “Fiquei muito contente em rever esses personagens através dessa história, pois sempre tive a curiosidade de saber mais e nesse livro, **conseguimos** enxergar os efeitos colaterais, principalmente na vida de Andrea.”;

L, R2a) “Já nas primeiras páginas **somos tomados** pela emoção da perda da vovó de Poppy e ao longo da narrativa mais emoções vão sendo preenchidas elevando a carga emocional da história.”;

L, R2b) “**Acompanhamos** a mudança dos personagens, suas angústias, medos e superações.”;

L, R2c) “**Acompanhamos** um amor nascido na infância que traz uma força sensitiva ao longo das páginas, e durante cada uma delas...”;

L, R2d) “... **passamos** pelo sofrimento, compreensão, perdão e aceitação.”;

L, R3a) “Em Los Angeles, **conhecemos** Betany Pierce que, com o passado tão traumático, se fechou para tudo e todos, menos para os donos do bar noturno e cheio de bandas ruins onde trabalha: Beverly, sua melhor amiga, e o pai dela, Lou.”;

L, R3b) “E então, nossa curiosidade aumenta para saber o que aconteceu com ela, qual a intenção de Tyler e, no decorrer de tudo, **descobrimos** como o amor pela música pode unir duas pessoas.”;

L, R4a) “E é nesse momento que **aprendemos** mais sobre SINESTESIA, um distúrbio neurológico em que os sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato) se misturam, fazendo com que os estímulos a um sentido desencadeiem outro, criando novas experiências.”;

L, R5a) “A partir desse momento **acompanhamos** a aproximação desses personagens de maneira cativante e envolvente.”;

L, R6a) “No meio de toda essa trama, segredos de família serão revelados, informações privilegiadas da investigação serão vazadas em blogs sensacionalistas, muitas entrevistas e poucas pistas concretas nos farão perguntar quem o raptou, o porquê e de qual lado realmente **estamos**.”;

L, R6b) “Não **sabemos** a quem recorrer ou em quem confiar.”;

L, R6d) “Cada personagem demonstra motivos de ser o possível raptor e, no fim, **ficamos chocados** com o desfecho do drama.”;

LL, R1c) “Desta forma **temos em mãos** um livro que certamente deve agradar um grande número de leitores, pois em média, é bastante exitoso e apresenta situações que convidam para a leitura e debate”;

LL, R1d) “...mas ainda assim nos entregando pistas que nos levarão primeiramente às suspeitas, depois a quase certeza, e assim quando **tivermos de posse** de todos os elementos necessários, ela nos entrega a confirmação reservando ainda espaço para o desfecho frenético levando ao fim do romance”;

LL, R2a) “...que ao fim de tudo **somos** mais um dos personagens do livro, na mesma busca de solucionar o mistério dos suicídios das irmãs Lisbon”;

LL, R3a) “Portanto, este ambiente é perfeito para uma Becky totalmente "fora da casinha", e isso nos causa num primeiro impacto a diversão por meio de risos, e depois certa reflexão ao nos levar a **questionarmos** sobre as atitudes da personagem e suas obsessões”;

LL, R4a) “No entanto, a "grande armadilha" que os contos de Grimm nos enredam é justamente sua aparente simplicidade, mas que olhada sob aspecto mais cuidadosos, **podemos perceber** a quantidade de temas relevantes...”;

LL, R4b) “... **podemos encontrar** nestes contos”;

LL, R5b) “...a surrealidade de como os personagens lidam com determinados assuntos intragáveis, acaba pormenorizando os temas que **queremos evitar** como a morte”;

LL, R6a) “Perdendo-me, de Cora Carmack é um livro capaz de prender pela leitura numa história comovente na qual **passamos** a torcer pela protagonista da trama superar seu próprio muro que ela constrói”;

LL, R6b) “Ambientado num universo cultural impregnado de artistas e com referências ao teatro, ao longo da leitura **podemos ver** diversas citações, especialmente a influências de Shakespeare”;

LL, R6c) “Voltando um pouco a Bliss, que narra o livro, **podemos perceber** sua inteligência e extroversão, o que garante uma leitura tranquila e ágil”.

O primeiro ponto que notamos foi o fato de o sujeito indeterminado não estar lexicalmente exposto, ainda que se possa recuperá-lo pela desinência verbal. Atribuímos esse fato à tendência de se evitarem os pronomes no registro escrito, pois, se o sujeito é facilmente determinável, não há motivos para expressá-lo lexicalmente. Quanto à indeterminação do sujeito propriamente dita, observamos o uso de um nós inclusivo, isto é, uma extensão da primeira pessoa do singular (eu), em que o eu é identificável como o resenhista, mas o(s) outro(s) indivíduo(s) que fazem parte nós (tu) não são identificáveis, visto que a referência está esvaziada.

Nesse sentido, o grau de indeterminação aqui é intermediário, uma vez que mesmo o enunciador generalizando a referência do “nós”, ele deixa claro que a opinião dele está ali. No que diz respeito à função da indeterminação, o “nós” pode ser entendido como exemplificação, quando se entende que se trata de uma referência genérica: eu + tu com referência esvaziada. No que diz respeito ao efeito de sentido desta estratégia, acreditamos que ela seja uma tentativa de suavizar o efeito do uso da 3ª pessoa + -se. Concordamos com Mendonça (2016) e Machado Vieira (2017) que tal estratégia esteja associada à polidez e, por isso, esteja sendo cada vez mais usada em discursos acadêmicos.

A resenha é um gênero textual que está inserido no meio acadêmico, sendo a impessoalidade e a indeterminação comuns a esses gêneros. Porém, podemos pensar que, devido a este gênero estar sendo veiculado em um suporte mais informal, o blog, há uma necessidade de suavizar a escrita, mas sem deixar de lado a autoridade que uma resenha deve ter; o uso do nós funciona bem nesse caso, sendo, pois, a estratégia preferida para indeterminar o sujeito. Outro aspecto que observamos é o fato de que a maioria dos verbos utilizados na 1ª pessoa do plural são verbos que expressam algum tipo de sensação, como os verbos perceber, saber, ver, conhecer, querer, buscar, passar a “x”, acompanhar, acreditar. Notamos que o argumento externo desses verbos, que desempenha a função sintática de

sujeito, não possui o papel temático de agente, mas de experienciador. Importa que notemos, ainda, que esta estratégia de indeterminação está ligada ao momento de avaliação do livro pelo resenhista; talvez por isso o uso de verbos que expressam sensações. Esse é o momento em que a autoridade do resenhista é reforçada, visto que ele inclui o leitor em suas sensações e opiniões, como quem diz implicitamente “se eu avaliei assim, você certamente avaliará também”.

Os casos da estratégia de indeterminação do sujeito de você/s + 3ª pessoa têm a segunda maior ocorrência, contabilizando onze ocorrências, o que equivale a 25% do total de casos. Abaixo, elencamos as ocorrências:

PA, R1a) “Isso nem de longe faz o livro ser ruim, mas, às vezes, faz lembrar que **você está lendo** há duas horas...”;

PA, R1b) “...e **precisa dormir**, comer ou qualquer outra coisa que te motive a deixar algumas páginas para depois.”;

PA, R1c) “O fato DEFINITIVAMENTE não acontece no final do livro, tomado por tensão, fazendo com que **você tenha medo** de olhar por cima do livro, e enxergar uma festa de luxo, arbustos se movendo ou homens e mulheres há muito mortos, fantasiados em um baile de máscara que nunca terá fim.”;

PA, R1d) “Essa mistura de sucesso tem uma pitada de descrições imersivas (por vezes um pouco longas), clichês de fantasmas (muito) bem aproveitados e momentos nos quais King toma o controle do seu cérebro, fazendo com que **você precise** olhar algumas vezes em sua porta para ter certeza que não está no quarto 217.”;

PA, R3e) “Não é o melhor livro de fantasia que já li, mas se **você gostar** do gênero...”;

PA, R3f) “...e **conseguir sobreviver** ao primeiro terço da história...”;

PA, R3g) “...**tem em mãos** uma obra divertida com uma história que foi claramente feita com bastante capricho.”;

L, R4b) “Já **conhecia** a Autora?”;

L, R5b) “É um livro que flui de maneira rápida e quando **você percebe**...”;

L, R5c) “...já **está** na última página com um coração confortado e cheio de ternura. Para quem ama romances do tipo, é uma ótima indicação.”;

LL, R5a) Uma das coisas que me chamou a atenção, e **vocês poderão perceber** com o quadro de notas (...).

Verificamos que, dentre as ocorrências de você/s + 3ª pessoa, a tendência a evitar pronomes também se observa, já que o pronome aparece na primeira vez em que o sujeito é mencionado (para desfazer a ambiguidade com a 3ª pessoa- ele/eles) e depois não aparece mais. No que concerne ao grau e à função da indeterminação, esses dados expressam o grau intermediário de indeterminação e têm a função de exemplificação, visto que o “você” pode ser qualquer um com quem se fala, uma referência hipotética usada para exemplificar

situações. Observamos um efeito de sentido de aproximação com o leitor. Uma vez que o blog é um suporte mais informal de veiculação das resenhas, pode-se supor um interlocutor mais próximo, como um amigo com quem se conversa, por exemplo. Importa mencionarmos que o uso de você/s para indeterminar o sujeito ocorreu nesse *corpus* na parte da resenha em que o autor (não) recomenda o livro, o que ratifica esse desejo de aproximação, uma vez que o resenhista se dirige diretamente ao seu leitor, ainda que seja um leitor indeterminado, qualquer um que esteja lendo.

Agora, convém discorrermos um pouco acerca do que estamos chamando de “temos existencial”.

PA, R3a) “**Temos** aqui a protagonista aparentemente insignificante que descobre ter um grande destino, a saída de um mundo conhecido para algo completamente novo, as inseguranças de quem não sabe se está preparado para assumir o papel que o destino reservou e um mundo mágico e fantástico diferente daquele do leitor.”;

L, R6c) “Divididos entre os pontos de vista da mãe e do oficial, **temos** os dois lados da investigação e nossas dúvidas aumentam a todo instante.”;

LL, R1a) “Na trama que evolui a partir de Rachel, a garota no trem, obsessiva e cujo observar da paisagem pela janela acaba provocando a ação, **temos** o tecimento de teias que vão unindo as personagens de modo que ao avanço da narrativa as coisas vão se conectando de tal modo que o leitor tem diante de si um cenário nascido pela obsessão e pelas falhas de caráter de algumas personagens que compõe o cenário de uma trama bem densa e desconstituída.”;

Destacamos essas ocorrências das demais de 1ª pessoa do plural por conta do tipo de verbo. Nos contextos supramencionados há um verbo de cunho existencial, ou seja, o que seria chamado pela gramática normativa de oração sem sujeito, ao lado do verbo haver, por exemplo (CUNHA; CINTRA, 1985). Embora esses gramáticos alertem para não se confundirem as orações sem sujeito com as de sujeito indeterminado, elencamos esses casos, pois, ainda que o verbo seja existencial, está conjugado na 1ª pessoa do plural, evidenciando um sujeito gramatical, mesmo que este não seja um agente da ação verbal. Conforme Machado Vieira (2017) nos aponta, o uso da expressão “temos” com o sentido existencial vem se tornando cada dia mais frequente em textos escritos mais acadêmicos (alto grau de monitoramento), talvez por conta de uma analogia ao uso de 1ª pessoa do plural nesses textos como estratégia de indeterminação e de polidez. Ainda, cabe ressaltarmos que os dados encontrados foram quase que insignificantes, havendo apenas três ocorrências num total de 47 dados coletados. Acreditamos que em nosso *corpus* o uso do “temos” com sentido existencial ocorra por analogia à estratégia preferida, a 1ª pessoa do plural.

Na categoria “outros”, listamos alguns casos isolados de indeterminação do sujeito.

PA, R3d) “Apesar disso, assim que **o leitor consegue ultrapassar** esses problemas, a leitura flui de forma deliciosa”;

PA, R4b) “Os personagens se constroem e mostram a que vieram rápido e é fácil **se identificar** com alguns dos dramas pelos quais eles passam”;

LL, R3b) “Um livro com questões apresentadas que podem servir para reflexão, especialmente o consumismo exacerbado, e ainda que Becky veja tudo com glamour, as consequências de suas atitudes nos fazem **perguntarmos** uma série de coisas.”.

Nos exemplos PA, R4b e LL, R3b, observamos o verbo em sua forma infinita para indeterminar o sujeito. Primeiro, temos um infinitivo pessoal, conjugado na 1ª pessoa do plural, e o “nós” tem sua referência genérica; depois, temos um infinitivo impessoal, que tem sua referência indeterminada pela partícula -se. No exemplo PA, R3d, temos a ocorrência de um SN que, neste contexto específico é indeterminado: “o leitor”, não podendo se identificar que leitor específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos neste trabalho dezesseis resenhas contidas em três blogs literários, a fim de observarmos como ocorre o fenômeno da indeterminação do sujeito nesse contexto. Escolhemos blogs conhecidos, cujos autores tivessem um perfil mais ou menos parecido: jovens com Ensino Superior completo. Ainda, procedemos a um estudo do fenômeno da indeterminação e do conceito de sujeito, além das estratégias utilizadas para indeterminá-lo, com o propósito de compreendermos o fenômeno que analisamos. Também observamos a estrutura do gênero textual resenha e vimos em que momento da estrutura as estratégias de indeterminação preferidas ocorriam para pensarmos o efeito de sentido causado pela indeterminação do sujeito.

Vimos que, das 47 ocorrências de indeterminação do sujeito nas resenhas de blogs literários analisadas, a estratégia mais recorrente é a de 1ª pessoa do plural sem o pronome “nós” realizado lexicalmente. Concluimos que, por ser uma modalidade escrita e mais monitorada, esse uso foi preferível por expressar polidez, sendo bastante comum no meio acadêmico, conforme Mendonça (2016) e Machado Vieira (2017) apontam. Além disso, pelo fato de a 1ª pessoa do plural ter um grau intermediário de indeterminação, incluindo o enunciador, consideramos que tal estratégia foi preferida para manter a opinião do resenhista, que fala enquanto especialista, ainda que haja uma inclusão de outros leitores nesse “nós” – o que caracteriza uma função exemplificativa – e que haja um caráter de descomprometimento próprio de textos acadêmicos – que nesse contexto não é levado ao grau máximo, talvez por conta do suporte em que o gênero textual se encontra.

Observamos que as duas estratégias mais utilizadas para indeterminar o sujeito estão ligadas a dois momentos específicos da estrutura do gênero textual resenha. A primeira, uso de 1ª pessoa do plural, acontece quando o resenhista avalia o livro e, ao fazer isso utilizando tal estratégia, chama seu leitor a ter a mesma opinião que ele. A segunda estratégia mais utilizada, uso de você/s + 3ª pessoa, ocorre no momento em que o resenhista recomenda (ou não) a obra, fato que atribuímos a uma tentativa de aproximação com um interlocutor, ainda que a referência dele no mundo seja genérica.

Ressaltamos, ainda, que nossa pesquisa é rudimentar e não aprofunda todos os aspectos dos efeitos de sentido da indeterminação do sujeito nas resenhas de blogs literários. Sugerimos que pesquisas que procurem responder algumas questões como: 1. Ainda que a resenha seja de um livro, e não de algum outro produto, e seja feita por meio de texto escrito, o suporte influenciaria nas etapas de constituição de uma resenha tradicional? 2. O resenhista

dos blogs literários é sempre um especialista? 3. Caso o resenhista não seja especialista no assunto do livro, esse fato muda a estrutura da resenha? 4. O suporte em que o gênero textual é veiculado influencia no grau e/ou na função da indeterminação do sujeito?

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1953]. p. 261-306.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. trad. Maria da Glória Novak; Luiza Neri. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- BONINI, A. Mídia/ suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 11, n. 3. p. 678-704, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor-pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Mira; *et alii*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003. p.275-321.
- DUARTE, M. E. L. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). **Ensino de gramática**: Descrição e uso. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.185-203
- LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 51 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. Porto Alegre: **Letrônica. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, v. 10, n. 1, p. 82-95, janeiro-junho 2017.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- _____. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLVC**. João Pessoa. v. 1, n. 1. p. 9-40, 2003.
- MEDEIROS, João Bosco. Resenha. In: _____. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.153-174.
- MENDONÇA, Josilene de Jesus. **Variação na expressão da 1º pessoa do plural**: indeterminação do sujeito e polidez. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- MILANEZ, Wânia. **Recursos de Indeterminação do Sujeito**. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Campinas, 1982.

MIOTO, C; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto 2013.

MOTTA-ROTH, Desirée. A construção social do gênero resenha acadêmica. *In*: MEURER, José L.; MOTTA-ROTH, Desirée. **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru/SP: Edusc, 2002. p. 77-115.

RAPOSO, Eduardo *et alii*. **Gramática do Português**. v. 1 e v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 2013.

TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2008.

ANEXOS

Resenhas coletadas no blog Papo de autor

R1- O Iluminado

Uma família em crise, um hotel que se isola no inverno e... Stephen KING! O Iluminado é um clássico do cinema. Com as talentosas mãos de Stanley Kubrick e os olhares aterrorizantes de Jack Nicholson, o filme tenta traduzir um pouco do terror que o livro entrega, mas as páginas folheadas uma a uma, provocam uma imersão que só King poderia provocar.

O livro conta a história da família Torrance, com o pai Jack, um ex alcoólatra que luta diariamente contra o vício, Wendy, uma dona de casa amável, mãe atenciosa e esposa atormentada pelos atos passados do marido, e o filho do casal Danny, que tem o poder de prever o futuro e habilidades extra-sensoriais.

Jack foi demitido de seu emprego como professor depois de perder o controle e agredir fisicamente um aluno. O rapaz havia furado os pneus de seu carro após uma aula na qual os dois se desentenderam.

O prazer que a bebida oferece é um lembrete diário da fuga fácil que a sobriedade lhe rouba, e ele luta contra essa vontade toda vez que seus planos traçados sofrem uma mudança, ou seu lado violento dá as caras.

Wendy é dona de casa e passa o tempo cuidando de Danny, tentando esquecer o Jack alcoólatra e violento que ainda a torturava suas lembranças. Ela se banha diariamente de esperança, torcendo para que a família Torrance se torne a família de comercial de margarina que ela sempre sonhou.

Sem opções de trabalho, se afundando em dívidas e com o nome sujo no meio acadêmico, Jack procura a ajuda de um amigo de seu passado recente, com quem dividiu bebidas, tombs e uma tragédia, para conseguir sustentar sua família.

A solução conseguida foi tornar-se responsável pela manutenção do Hotel

Overlook durante os meses de inverno, quando a neve se espalhava pela montanha, isolando o hotel e seu zelador de qualquer contato humano.

O trabalho vem a calhar, já que Jack procura tempo para terminar sua peça, na qual deposita seus sonhos e o futuro da família Torrance. Tempo é o que não faltaria durante os meses de frio. O único erro foi achar que estariam isolados.

O hotel Overlook os recebe de braços abertos (e não é uma expressão) e lhes apresenta seu passado em forma de fantasmas, assombrações e pavor. Danny, que a princípio é o único afetado pelas visões, sofre com a pressão de conhecer o futuro, assistir sem poder influenciar o presente e temer a violência que sofreu no passado.

Um ganho grande que o livro tem sobre o filme, além das mudanças importantes na história, é a queda gradual de Jack. Ao contrário do maluco que é apresentado logo nos primeiros sorrisos de Nicholson, Jack é um cara normal, com problemas normais, tentando ganhar controle em cima de seus desejos.

A bebida parece ser um problema solucionado, e o descontrole emocional, que interfere diretamente em sua vida, parece algo que vai lentamente sendo dominado. Seus medos do passado estão guardados em um armário, com uma porta fina e sem cadeado, e vão aparecendo aos poucos durante a história.

Nem tudo são mil maravilhas. Algumas vezes, as descrições de King tornam-se pesadas e maçantes, e cenas que deveriam apenas apresentar o capítulo, tomam um tempo desgastante.

O terror também demora a se desenrolar, e vejo como motivo claro, a preocupação de King em ambientar os personagens, com o hotel e principalmente, com todo o psicológico por trás da armadura que uma visão superficial te traz sobre a família Torrance.

Isso nem de longe faz o livro ser ruim, mas, às vezes, faz lembrar que [a] você está lendo há duas horas, e [b] precisa dormir, comer ou qualquer outra coisa que te motive a deixar algumas páginas para depois.

O fato DEFINITIVAMENTE não acontece no final do livro, tomado por tensão, fazendo com que [c] você tenha medo de olhar por cima do livro, e enxergar uma festa de luxo, arbustos se movendo ou homens e mulheres há muito mortos, fantasiados em um baile de máscara que nunca terá fim.

Essa mistura de sucesso tem uma pitada de descrições imersivas (por vezes um pouco longas), clichês de fantasmas (muito) bem aproveitados e momentos nos quais King toma o controle do seu cérebro, fazendo com que [d] você precise olhar algumas vezes em sua porta para ter certeza que não está no quarto 217.

Eu particularmente sou suspeito para falar de King, mas esse livro é tão fantástico em ser aterrorizante, que merece os holofotes. A história é bem amarrada e os personagens são cativantes (até os que, a princípio, são apenas personagens secundários, como Dick Halloran que é um dos meus favoritos). A descrição das cenas é assustadoramente precisa, e fazem o hotel, que outrora fora em sua mente um depósito de luxo e riqueza, começar a ganhar vida, tornando-se sombrio e assustador.

Para quem é fã de terror, essa obra é obrigatória em sua cabeceira, e para quem não o é, o suspense em cada página vai te cativar de maneira absoluta.

Esteja pronto para suar, respirar fundo e, entre uma cena e outra, tomar uma água bem gelada para ter certeza que está em segurança. Mas aconselho a não acender a luz. No escuro, talvez o Overlook lhe faça uma visita inesperada...

R2- Meu velho guerrilheiro

Após viver alguns anos fora do Brasil, um autor retorna ao lar para ajudar sua mãe a cuidar do pai, que recentemente passou a se comportar de forma estranha e planeja matar o atual presidente chego ao poder por meio de um golpe de Estado.

Meu Velho Guerrilheiro é o novo romance do pernambucano Álvaro Filho, lançado em 2018 pela editora Jaguatirica. A obra narra a construção das memórias de um filho em relação ao seu pai que, tendo vivido a repressão da Ditadura Militar, torna-se obcecado pela ideia de matar Michel Temer após a queda do governo Dilma em 2016.

Um quebra cabeças de estilhaços de memórias

O livro narrado em primeira pessoa conta as impressões do personagem-narrador sobre seu pai, construindo a partir de memórias que viveu e histórias que ouviu uma imagem de quem seria aquele homem. O autor consegue momentos bastante belos a partir dessa proposta, algo potencializado por uma escrita de frases curtas e repetições sonoras, que em muitos pontos flerta com o texto poético, fluxos de pensamento ou até mesmo de delírio.

Enquanto [a] conhecemos melhor o Velho Guerrilheiro do título, também [b] passamos a conhecer melhor o narrador, herdeiro da cultura familiar de seus pais e avôs, e consequentemente fruto desses elementos. Pouco a pouco ele vai entendendo o peso do

passado na construção de alguém como indivíduo e o quanto a hereditariedade pode muitas vezes fazer as vezes de destino inescapável.

Quando a repetição se torna repetitiva

Confesso que não estou familiarizado com a obra de Álvaro Filho, por isso fico sem saber se algumas escolhas partiram do que se entendeu adequado para este romance, ou se partiram do estilo pessoal do autor.

O uso de repetições estratégicas de palavras é utilizado frequentemente para dar sonoridade e ritmo à narrativa, ao mesmo tempo em que o recurso enfatiza alguns temas centrais de cada cena, reforçando os vínculos entre as ideias que formatam a visão do mundo do protagonista. O bom uso desse recurso foi um dos responsáveis por alguns dos momentos mais belos do texto, mas o uso excessivo torna vários trechos cansativos e tira um pouco do impacto das partes em que funciona.

O problema é acentuado cada vez que isto também gera a sensação de estar relendo algo que já fora recentemente lido, com parágrafos reproduzidos com apenas algumas poucas trocas de palavras. Se por um lado [c] pode-se argumentar que a temática da importância da memória se reforça com esse recurso, raramente acrescenta algo ao que está sendo narrado.

O inevitável comentário político

A obra tem um claro viés político, e se o texto de **Meu Velho Guerrilheiro** não dá nome aos bois, qualquer entrevista com Álvaro Filho deixa claro que a narrativa entende o governo Temer pós-Impeachment, entre 2015 e 2018, como fruto de Golpe. Obviamente, o grau de concordância do leitor com a visão de mundo do autor influenciará nas impressões finais do livro.

Apesar disso, a construção da imagem do pai do narrador a partir de relatos e impressões do filho, frente ao medo de ver esse mesmo pai ser perdido pelo fantasma da doença mental, cria uma obra com alguns trechos inspirados e uma carga emocional que frequentemente se mostra sincera.

Curto e de leitura rápida, **Meu Velho Guerrilheiro** traz elementos emocionais interessantes diluídos em discussões políticas que não são desenvolvidas. Apesar de alguns momentos duvidosos, é uma leitura que tem seus pontos fortes e tende a encontrar seu público.

R3- A trilogia do Mago negro I- O clã dos magos

Em um mundo de fantasia marcado por grandes desigualdades sociais, Sonea, uma garota favelada, descobre ter poderes mágicos que por lei só podem ser encontrados no Clã dos Magos, cujos membros vem sempre das classes mais abastadas. Passando a ser procurada para ser treinada enquanto acredita estar fugindo por sua vida, é colocada em riscos que jamais imaginava possíveis.

Escrito pela australiana Trudi Canavan, *O Clã dos Magos* (2001) é o primeiro volume de uma trilogia de fantasia nos moldes clássicos. [a] Temos aqui a protagonista aparentemente insignificante que descobre ter um grande destino, a saída de um mundo conhecido para algo completamente novo, as inseguranças de quem não sabe se está preparado para assumir o papel que o destino reservou e um mundo mágico e fantástico diferente daquele do leitor.

Esse mundo é bastante bem construído, por sinal. As comidas, bebidas, fauna e flora são próprios do livro e com nomes criados pela autora. As culturas de cada grupo que formam o

mundo apresentado nesse livro são bem caracterizados e o choque entre as diferentes camadas sociais, apesar de serem as típicas que [b] encontraríamos numa obra mais realista, fazem completo sentido dentro desse universo.

Canavan é uma pessoa criativa que conseguiu criar uma boa história, mas a sua escrita, pelo menos na tradução para o português, em alguns momentos deixa a desejar. Foi muito difícil passar das primeiras 150 páginas porque os personagens não eram definidos com muita clareza, deixando muito complicado em algumas partes saber quem fazia ou dizia o que.

A narrativa muda de ponto de vista várias vezes em cada capítulo, com o foco principal em Sonea, e por conta disso o livro deixa para explicar alguns elementos apenas quando a garota os conhece pela primeira vez. [c] Passamos então dois terços do livro lendo sobre diversos acontecimentos diretamente ligados às regras e costumes dos Clã dos Magos, como a hierarquia, o uso dos poderes e a organização das buscas, sem que qualquer desses elementos seja apresentado direito antes do terço final. Os termos mantidos na língua do povo do livro também não são explicados durante a narrativa, forçando o leitor a buscar num glossário por uma definição curtíssima de algo que poderia muito bem estar dentro da própria história.

Apesar disso, assim que [d] o leitor consegue ultrapassar esses problemas, a leitura flui de forma deliciosa. Os personagens são carismáticos e interessantes, os comentários sociais nunca soam forçados e o volume acaba deixando muita curiosidade para saber o que virá em seguida. Não é o melhor livro de fantasia que já li, mas se [e] você gostar do gênero e [f] conseguir sobreviver ao primeiro terço da história, [g] tem em mãos uma obra divertida com uma história que foi claramente feita com bastante capricho.

R4- A trilogia do Mago negro II- A aprendiz

No segundo volume da trilogia de Trudi Canavan (a resenha do primeiro pode ser lida aqui), [a] acompanhamos Sonea exatamente havia sido deixada, uma aprendiz recém aceita no Clã dos Magos. Como ficou bem claro no livro anterior, os preconceitos de classe são fortes no país de Kyrália, e a adaptação da primeira aluna favelada a ser aceita como aprendiz no Clã acostumado a receber a elite é o grande foco.

Mas são ache que as dificuldades de Sonea envolvem não saber que talheres usar ou como falar. Seus problemas envolvem a forma como aquela elite com a qual convive agora enxerga os pobres, e ela se vê obrigada a provar seus talentos e suas capacidades repetidamente para colegas e mestres. Para piorar tudo, uma descoberta acidental no livro anterior força que ela guarde um segredo mortal, o que torna sua adaptação ainda mais difícil.

Enquanto isso, Dannyl, o jovem mago que chefiou as buscas por Sonna no livro anterior, parte para terras distantes a serviço do clã. Nesse arco a autora explora de forma mais ampla o universo que criou, mostrando as diversas culturas que o habitam, suas diferenças e similaridades e suas relações com os magos e a magia no geral. Para Dannyl, essa viagem assume de certa forma o mesmo papel que a estrada ganha num *road movie*, quanto mais ele descobre o mundo, mais aprende sobre si mesmo, para o bem e para o mal.

Diferente dos problemas do volume anterior, aqui a leitura é fluída e envolvente desde o começo. Os personagens se constroem e mostram a que vieram rápido e é fácil [b] se identificar com alguns dos dramas pelos quais eles passam. Canavan ainda se perde em alguns momentos na sua própria escrita, mas dessa vez isso acontece por páginas, não por capítulos.

Também é interessante destacar a inteligência da autora em reservar o primeiro livro para a jornada de Sonea da favela até o Clã e dedicar o segundo livro inteiro à educação dela. Muitas vezes segundos volumes de trilogias passam a sensação de serem apenas uma ligação preguiçosa entre uma apresentação e um final, mas neste caso o segundo livro por si só é uma boa leitura, diria inclusive que trabalha a narrativa muito melhor que o primeiro.

Continua não sendo a melhor obra de fantasia que já li, mas é difícil negar que tenha um valor próprio. Tanto os elementos fantásticos, quanto a crítica social de O Mago Negro foram escritos com cuidado e atenção. Uma leitura divertida para fãs do gênero ou de obras jovens que comentem a sociedade em que vivemos.

Resenhas coletadas no blog Livreando

R1- A vingança veste Prada

Em A Vingança Veste Prada [a] reencontramos Andy 10 anos após a sua decisão de abandonar a Runway e Miranda para seguir seu próprio caminho.

"Como aquela mulher ainda conseguia assombrá-la. Fazia 10 anos desde que ela voltara correndo de Paris, fugida de seu período destruidor de almas como assistente de Miranda na Runway. Ela crescera muito desde aquele ano pavoroso, não crescera? Tudo havia mudado, e para melhor." p.14

Agora, junto de Emily, Andy vê o diabo retornando desde que a empresa de Miranda decidiu colocar os olhos na Plunge, sua revista de casamentos que conseguiu chamar a atenção da grande indústria.

Fiquei muito contente em rever esses personagens através dessa história, pois sempre tive a curiosidade de saber mais e nesse livro, [b] conseguimos enxergar os efeitos colaterais, principalmente na vida de Andrea. É visível o horror que carrega do período da Runway e o quanto lutou para se manter longe desses ares.

Emily, ainda permanece com o seu efeito cômico enlouquecedor, sem muito filtro e por muitas vezes ingênua, que me arrancou alguns risos.

Apesar de todos esses pontos, a história acabou não me agradando tanto, a narrativa veio em um estilo ioiô, sem saber muito bem onde focar e como conduzir, principalmente à respeito do núcleo de Miranda, o que fez a leitura ficar mais arrastada durante boa parte da história.

Também esperava ter uma visão melhor da história pelos olhos de Miranda. Andy continua sendo a narrativa principal apesar da história ser construída em terceira pessoa.

R2- Mil beijos de garotos

Poppy e Rune são crianças inseparáveis, vivem suas aventuras e descobertas e são felizes ao lado do outro. Uma integrante da equipe terá que se separar, a vovó de **Poppy** está muito doente e pronta para morar em seu novo lar, antes de partir, dá a sua neta uma nova aventura, colecionar mil beijos de garoto, mas não qualquer beijo, somente aqueles que quase faz o coração explodir.

"Quando você encontrar o garoto que será seu para sempre e sempre, a cada vez que ganhar um beijo muito especial dele pegue um coração. Escreva onde vocês estavam quando se beijaram. [...] Você vai ter um pote do tesouro de todos os beijos preciosos que fizeram seu coração voar." p.16

Empolgada com a nova aventura, Poppy compartilha com **Rune** seus planos, mas sua reação não foi a esperada, sem perder tempo, Rune deixa a grande amizade e apresenta a Poppy o amor romântico, lhe prometendo todos os beijos.

"A apreensão estava clara nos olhos de Poppy, como se ela soubesse que o que saísse de minha boca ia mudar tudo. Mudar a gente. Mudar a nossa vida inteira." p.56

Tempos depois o destino resolve se meter e após muito choro e briga Rune e Poppy ficarão separados por um tempo. Dois anos que os mudará completamente, que mudarão seus sonhos e suas percepções sobre a vida.

Mil beijos de garoto é um livro completamente emocional, não só pela história, mas pela maneira que é escrita. Já nas primeiras páginas [a] somos tomados pela emoção da perda da vovó de Poppy e ao longo da narrativa mais emoções vão sendo preenchidas elevando a carga emocional da história.

"Então chorei. Chorei pelo garoto que era meu sol. Lamentei pelo garoto que um dia eu amara com tudo o que eu tinha. Lamentei por Poppy e Rune ? um casal de uma beleza extrema e de uma morte ainda mais rápida." p.92

[b] Acompanhamos a mudança dos personagens, suas angústias, medos e superações. [c] Acompanhamos um amor nascido na infância que traz uma força sensitiva ao longo das páginas, e durante cada uma delas, [d] passamos pelo sofrimento, compreensão, perdão e aceitação.

É uma história narrada lentamente, nos fazendo absorver cada sentimento dos personagens e sua jornada ao longo dos mil beijos. Poppy tem como grande característica a sua força, já Rune, transpassa a escuridão em si pelo amor de sua garota.

"As melhores coisas da vida morrem rápido, como a flor da cerejeira. Porque algo tão belo não pode durar para sempre, não deveria durar para sempre. Ela permanece por um breve momento no tempo para nos lembrar de como a vida é preciosa, antes de desaparecer tão rápido quanto chegou." p.60

É uma história linda e tocante que vale à pena cada minuto dedicado a ela.

R3- Ela será amada

Olá, maravilhosos.
Tudo ok?

Hoje venho toda animada para falar de um romance cheio de referências pop e músicas que embalam um lindo casal. Estou falando de She will be loved 🎵, OPS, Ela será amada! da Mari Marchesini.

Em Los Angeles, [a] conhecemos Betany Pierce que, com o passado tão traumático, se fechou para tudo e todos, menos para os donos do bar noturno e cheio de bandas ruins onde trabalha: Beverly, sua melhor amiga, e o pai dela, Lou. Uma única coisa parecia chamar a atenção de Bet, a música. Até que, numa noite, uma banda realmente boa apareceu, "The Rhydell Gamblers" liderada por Tyler Valentine: alto, magro, olhos claros, cabelos castanho-escuros e tatuagens em toda a pele. Ele te lembra alguém? Talvez em certo Adam Levine?

Em uma noite, após um gatilho disparado por uma música cantada por Tyler, Betany envolve-se em uma situação bem difícil. E então, nossa curiosidade aumenta para saber o que aconteceu com ela, qual a intenção de Tyler e, no decorrer de tudo, [b] descobrimos como o amor pela música pode unir duas pessoas.

O livro já nos apresenta a playlist pra acompanhar a história e eu amei essa experiência. Devo contar que, como fã de Maroon 5 assim como a escritora, foi fantástico ler um romance gato-rato e cheio de segredos ao som das músicas dos meus meninos. Além deles, tem músicas de outros artistas: Aerosmith, Lady Gaga, Michael Jackson, Ed Sheeran e devo dizer o quanto surtei quando ouvi a minha preferida: Your song do Elton John.

Eu amei conhecer essa história. Confesso que não entendi algumas atitudes de Betany e Tyler, principalmente as dela, e isso me irritou em determinado momento. Os personagens secundários são tão importantes para o seguimento da trama que me sentia como parte da turma. Esse foi mais um livro sobre seguir seus sonhos e se livrar de seus erros e amarras do passado.

Dream On 🎵

R4- Meu amigo Cookie

Hoje, venho com mais uma resenha literária! E para amenizar um pouco os sentimentos ruins e solitários do isolamento social, nada melhor que um pet para levantar o nosso astral.

No momento, estou sem nenhum amiguinho, então, eu pego emprestado dos meus amigos literários. Aqui, especificamente, minha amiga é a Cecília e peguei emprestado o seu dog Cookie, da história da Janah Silva.

Cecília vive com o pai após o abandono da mãe e com seu fiel e esprevidado escudeiro Cookie, um Golden Retriever, que embora dócil e carismático, é hiperativo. O que leva Lia a matriculá-lo em uma creche para treinar cães.

Jovem como a gente, hoje, Lia trabalha no escritório do marido da sua melhor amiga. Em uma manhã indo ao trabalho, ela divide o banco do ônibus com um rapaz meio esquisito que, aparentemente, começa a xavecá-la. Que cara estranho! O que ela não imaginava é que, ao buscar Cookie na creche no fim do dia, o tal rapaz estaria lá, trabalhando diretamente com o seu cão.

O rapaz, **Otávio**, é meio-irmão de Laura cujo marido é chefe de Cecília e a usa como ombro amigo para falar de seu relacionamento conjugal, o que acaba criando uma grande amizade entre os dois, ao mesmo tempo que a amizade com Laura ia se desgastando.

Resolvendo os problemas amorosos alheios, Lia não se atenta à relação que vem construindo com Otto e, em meio a treinamentos caninos e olhares atenciosos, um novo e colorido mundo se descobre. E é nesse momento que [a] aprendemos mais sobre **SINESTESIA**, um distúrbio neurológico em que os sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato) se misturam, fazendo com que os estímulos a um sentido desencadeiem outro, criando novas experiências. Para mim, esse é o diferencial que direciona todo o relacionamento central do livro.

"— É verdadeiro o que sentimos, não importam as circunstâncias, vamos fazer dar certo."

Essa foi a primeira obra da Janah que eu li. Aqui tem crise conjugal, relação de amizade longínquas, relação maternal, construção familiar, amizade e amor. E todos esses elementos ainda são pincelados de latidos e pitadas de humor. Me diverti muito, amei a leitura e já quero um Cookie para mim.

Já [b] conhecia a Autora? Ela é uma querida, assim como a sua história. Leia também, o ebook está no Kindle Unlimited.

R5- Um amor para recordar

Landon e Jamie estavam predestinados, como Jamie sempre acreditou, nos planos de Deus. Essa é uma história de amor que mostra o quanto a mudança pode ser natural e um dos maiores sentimentos pode ser único, forte e altruísta. O Amor!

Landon em seu último ano do ensino médio, precisava fazer atos diferentes dos frequentes da sua juventude para conseguir entrar na faculdade, convencido por seu pai, virou líder do grêmio. O que foi até fácil pela popularidade dos seus amigos.

Com o baile se aproximando, entrou no grande dilema, ou encararia ser a chacota de ir ao baile com sua mãe, ou iria com **Jamie**. Depois de muitos pensamentos relutantes, Landon decidiu que seria essa a melhor saída, pois não estaria disposto a ser o cara que limparia os vômitos.

A partir desse momento [a] acompanhamos a aproximação desses personagens de maneira cativante e envolvente. A cada tempo Landon entendia o quanto Jamie era incompreendida e passou a valorizar o seu jeito único de ser.

O romance cresce de forma calma e bem formal, mas igualmente encantador. Para quem já assistiu o filme, a narrativa do livro e a direção da história é completamente diferente, mas devo dizer que cada um traz uma emoção necessária.

É um livro que flui de maneira rápida e quando [b] você percebe já [c] está na última página com um coração confortado e cheio de ternura. Para quem ama romances do tipo, é uma ótima indicação.

R6- Não me deixes

Olá, maravilhosos.

Como vai a vida? Esperamos que muito bem!

Hoje, trazemos pra vocês a resenha de um romance policial escrito pela inglesa Gilly Macmillan. Vamos conhecer essa obra?

Rachel Jenner é a mãe solteira de **Ben**, um garoto de 8 anos. Após a separação de seu marido, ela se vê trocada pela nova esposa de Jhon, Katrina. E como se não bastasse, seu pequeno filho desaparece em uma tarde no bosque.

“Viras-te por um segundo... E o teu filho desapareceu.”

Após um picnic, Rachel permite que Ben vá correndo a sua frente até o balanço, mas assim que ela chega ao local, vê que algo está errado: seu filho não está lá. E não está em lugar algum! Ben sumiu! O que realmente aconteceu naquela fatídica tarde?

A partir daí, começam as investigações e um verdadeiro caça às bruxas. Dividida entre a sua tragédia pessoal e uma opinião pública que se virou contra ela, Rachel não consegue confiar em ninguém, se culpa bravamente pelo ocorrido e o estigma de mãe má recai sobre seus ombros. Enquanto isso, o departamento de polícia liderado por Fraser e seu **oficial Jim** correm contra o tempo para que Ben seja encontrado com vida.

"Afiml, toda a gente adora a emoção de experimentar de forma indireta as vidas terríveis dos outros" (Pág. 16)

No meio de toda essa trama, segredos de família serão revelados, informações privilegiadas da investigação serão vazadas em blogs sensacionalistas, muitas entrevistas e poucas pistas concretas nos farão perguntar quem o raptou, o porquê e de qual lado realmente [a] estamos.

"Se não somos quem imaginamos ser, então haverá alguém que o seja? Se existe todo este potencial para que nos julguem injustamente, então como poderemos estar certos de que o juízo que fazemos dos outros se assemelha de alguma forma à pessoa subjacente?"(Pág. 13)

O enredo do livro é arrasador e positivamente frustrante. Não [b] sabemos a quem recorrer ou em quem confiar. Divididos entre os pontos de vista da mãe e do oficial, [c] temos os dois lados da investigação e nossas dúvidas aumentam a todo instante. Cada personagem demonstra motivos de ser o possível raptor e, no fim, [d] ficamos chocados com o desfecho do drama.

Este livro fez parte das leituras de abril para o Desafio Literário Livreando, o nosso querido #DLL, no Tema "Que você comprou a mais de 02 anos".

Comprei esse livro em 2015 na Livraria Lello em Porto, Portugal; e por ser no português de lá, algumas palavras são diferentes das nossas e me confundi um pouco, mas nada que atrapalhasse a leitura que, por sinal, fluiu muito bem. Gostei muito do livro e no fim, meu coração ficou revoltado e triste.

Bom, pessoal, essa foi uma leitura em um gênero "fora da caixa" para mim e me surpreendi muito com a experiência. Diz pra gente o que acharam.

Bjos e Cheiros
Até a próxima!

Resenhas coletadas no blog Listas Literárias

R1- A garota no trem

1 - A Garota no Trem é um *thriller* cujo suspense consegue prender o leitor na busca pela solução do mistério de forma que nos mantém curiosos nos detalhes e nas pistas que vão

sendo entregues, tudo isso numa narrativa que consegue manter certo equilíbrio em ritmo envolvente e intenso;

2 - Na trama que evolui a partir de Rachel, a garota no trem, obsessiva e cujo observar da paisagem pela janela acaba provocando a ação, [a] temos o tecimento de teias que vão unindo as personagens de modo que ao avanço da narrativa as coisas vão se conectando de tal modo que o leitor tem diante de si um cenário nascido pela obsessão e pelas falhas de caráter de algumas personagens que compõe o cenário de uma trama bem densa e desconstruída;

3 - No entanto, cabe dizer que a escolha narrativa de apresentar três vozes em primeira pessoa, embora funcione e não prejudique o enredo, por outro lado no que diz respeito a estrutura e técnica [b] fica-se com a sensação de tais vozes serem muito próximas, cujas nuances que as distinguem são tímidas, e assim, Rachel, Megan e Anna acaba soando semelhantes demais;

4 - Fora isso, o livro em seu conjunto possui grande qualidade que é cara aos romances de suspense, como o crime que esconde outras complexidades dos envolvidos, a capacidade de aprisionar o leitor à trama, personagens desconstruídas e problemáticas que tensionam o mistério, além é claro do ritmo que de forma crescente consegue trazer ao leitor fortes emoções em uma obra que parte da apresentação da ação para o ápice em sua solução em ritmo frenético;

5 - Outro detalhe interessante na constituição do livro é justamente o de dimensionar em grande escala cenas despercebidas de um cotidiano, que aparentemente banais, podem ganhar proporções maiores, como no caso de uma Rachel cuja rotina no trem é de observar o mundo neste cenário de uma forma tão diferente que em determinado momento a põe em perigo;

6 - Além disso, Rachel é uma personagem forte, não no sentido de sua característica, mas sim como personagem de fato. Uma mulher obsessiva e decadente, Rachel é quase um estereótipo de detetive noir, envolta por fracassos e bebidas. No entanto, Rachel não é detetive, embora se meta onde não foi chamada, e sua voz é muito pouco confiável já que em grande parte da trama sua voz tenta recriar aos seus olhos aquilo que vê;

7 - Portanto, o livro em seu conjunto consegue caracterizar-se por importantes elementos do gênero e com a presença de personagens, uns mais que outros, de constituição bem marcante e forte que fazem delas presenças originais na literatura, e que através de suas constituições conseguem apresentar debates para além do suspense e do mistério presente;

8 - Desta forma [c] temos em mãos um livro que certamente deve agradar um grande número de leitores, pois em média, é bastante exitoso e apresenta situações que convidam para a leitura e debate;

9 - Sem falar que leitores ávidos pela leitura investigativa certamente gostarão da leitura porque a autora consegue dosar bem o jogo, nos mantendo em sombras em grande parte do romance, mas ainda assim nos entregando pistas que nos levarão primeiramente às suspeitas, depois a quase certeza, e assim quando [d] tivermos de posse de todos os elementos necessários, ela nos entrega a confirmação reservando ainda espaço para o desfecho frenético levando ao fim do romance;

10 - Enfim, A Garota no Trem é uma leitura interessante e que não decepciona, e com certeza irá congrega um grande número de fãs. É uma boa pedida e um bom suspense da nova geração.

R2- As virgens suicidas

1 – As Virgens Suicidas, de Jeffrey Eugenides é uma leitura comovente que apresenta ao leitor fragmentos de vários personagens na vã tentativa de elucidar, ou ao menos compreender a série de suicídios das irmãs Lisbon, bem como todos os acontecimentos que acabam influenciando a vida de cada um dos que a conheceram;

2 – Com um narrador central, mas que se vale das informações de outros personagens que dançam pelo livro contando sobre a história das irmãs Lisbon, é possível ter uma leitura dos fatos que se desenrolaram durante a tragédia, mas ainda assim, sem que o próprio narrador, ou até mesmo o leitor possa ter uma opinião definitiva quanto ao que culminou com a decisão derradeira e mortal;

3 – O livro é muito sutil ao nos ambientar na década de 70, com algumas referências ao pós-guerra, à divisão racial muito forte nos Estados Unidos, à música presente, mas fora isso a história das irmãs Lisbon se mantém muito contemporânea, podendo inclusive, muito bem se passar nos dias de hoje;

4 – A dramaticidade da obra ambienta toda a relação sombria que envolve a casa dos Lisbon, e envolve o leitor nesta aura em busca de explicações, mas o que acaba restando é justamente a insuficiência de explicações para os acontecimentos, muito provavelmente por causa do distanciamento dos Lisbon que acabam cada vez mais longe da vida sociável mergulhando num pequeno mundo sombrio e mal cheiroso que acabou se tornando a casa, especialmente após o primeiro suicídio;

5 – Se há um desejo que nasce no leitor ao completar sua leitura, é o de conhecer o drama das irmãs por elas mesmas, saber o que pensavam em sua clausura domiciliar, o que imaginavam de seus futuros, quais “martelos” as oprimiam mais, como Lux conseguia ainda assim realizar suas atividades sexuais em cima do telhado, que ao fim de tudo [a] somos mais um dos personagens do livro, na mesma busca de solucionar o mistério dos suicídios das irmãs Lisbon;

6 – Também há uma boa dose crítica, especialmente quanto ao comportamento da sociedade perante a tal drama, como as outras pessoas além da família tem a dificuldade de lidar com o problema iniciado com o suicídio de Cecilia Lisbon, bem como o sensacionalismo que se cria com a peculiaridade dos acontecimentos;

7 – Acredito que o suicídio continua sendo algo inexplicável, seja o das irmãs Lisbon, ou o de algum conhecido de você, ou meu, por isso toda a ambientação do livro se torna muito tátil, pois cada centelha pode ser capaz de levar à situação extrema de se tirar a própria vida;

8 – A passagem que aproxima o narrador e seus amigos tão perto, e ao mesmo tão longe de salvar as irmãs Lisbon é de um terror e de um suspense tão dramático que se é capaz de captar o frio e o medo que sentiram frente a frente com um destino tão macabro, e talvez inevitável das irmãs Lisbon;

9 – E não há como não colocar boa parte dos acontecimentos nas costas da Sra. Lisbon e do Sr. Lisbon. Ela por sua opressão, pelo medo demasiado de talvez perder as filhas para o mundo, mas que ao fim as levaram para além deste. O ambiente sem expectativas e um tanto sombrio e severo criado pela mãe, não duvido que tenha contribuído para os fatos. Já o Sr. Lisbon, conivente com a degradação familiar, incapaz de perceber os erros que levariam a tragédia, isolou-se em uma incapacidade inquestionável até que a família desfez-se como nuvens.

10 – Enfim, *As Virgens Suicidas*, de Jeffrey Eugenides, é um grande trabalho da literatura, que promove uma ampla discussão sobre um tema tão deprimente que é o suicídio. Narrado com a firmeza de quem acompanhou o declínio dos Lisbons, o livro é doloroso e comovedor, constituindo-se uma excelente leitura para quem busca por literatura que tem algo a dizer, e que se eterniza pelo tempo;

R3- Becky Bloom em Hollywood

1 - Em *Becky Bloom e Hollywood* o exagero e as aparências que às vezes nos enganam servem de pano de fundo para a nova aventura desta conhecida consumista da literatura, desta vez inserida no mítico universo das celebridades em Los Angeles, um local bastante propício para as confusões de Becky;

2 - No entanto, antes de prosseguir, preciso dizer que desconhecia as outras publicações da série, no entanto é possível ler sem qualquer perda para a leitora, já que as peculiaridades desta personagem tão autêntica podem ser percebidas sem a necessidade de leituras anteriores;

3 - Totalmente obsessiva e com seus problemas de consumo, neste livro tais traços da personalidade de Becky se acentuam por sua busca louca pela fama e por conhecer as celebridades de Hollywood, o que é claro, dá início a muita confusão, a tal ponto que é impossível não sorrir com as enrascadas de Becky Bloom;

4 - No entanto, obviamente esta relação de Becky com as celebridades e a busca pela fama não é sadia, e mais do que as confusões causadas por seu deslumbre com a nova paisagem, a trama acaba revelando um universo sustentado pelas aparências, e mais uma vez mostrando que nem tudo é o que se parece no mundo dos famosos;

5 - Portanto, este ambiente é perfeito para uma Becky totalmente "fora da casinha", e isso nos causa num primeiro impacto a diversão por meio de risos, e depois certa reflexão ao nos levar a [a] questionarmos sobre as atitudes da personagem e suas obsessões;

6 - No entanto, embora nos leve a refletir pela apresentação da personagem, o livro não emite qualquer juízo a respeito do comportamento de Becky, e no máximo nos mostra a preocupação da família quanto aos problemas de consumo e neste livro, especificamente, na obsessão de Becky pela fama;

7 - Portanto o livro acaba apresentando temas como o deslumbramento e as expectativas, porém a realidade acaba contrastando com todo o glamour imaginado, e Becky acaba vendo

uma Hollywood de uma forma diferente daquilo que esperava, tanto a cidade, tanto as pessoas;

8 - Além disso, o livro busca ampliar dramas familiares com a apresentação de tramas paralelas às aventuras de Becky Bloom, sendo que algum dessas tramas ficam em aberto para ser mais desenvolvidas nos próximos livros, como os mistérios que envolvem o pai de Becky;

9 - Por outro lado, pela razão de o livro não ser uma trama linear com começo meio e fim, de certa forma às vezes parece espichado demais já que as confusões de Becky muitas vezes soam repetitivas, como se arrastassem a leitura;

10 - Enfim, Becky Bloom em Hollywood é uma leitura dinâmica e muito divertida capaz de tirar muitas risadas das leitoras, literalmente. Um livro com questões apresentadas que podem servir para reflexão, especialmente o consumismo exacerbado, e ainda que Becky veja tudo com glamour, as consequências de suas atitudes nos fazem [b] perguntarmos uma série de coisas. Portanto uma leitura moderna que certamente encontrará ecos em muitas leitoras.

R4- As 3 princesas negras e outros contos dos irmãos Grimm

1 - As 3 Princesas Negras e outros contos dos Irmãos Grimm é uma seleção primorosa de trabalhos dos irmãos nem tão conhecidos por aqui, mas que mantêm toda a grandiosidade e a fantasia encantadora com a qual os Irmãos Grimm eram capazes de contar uma história;

2 - Como todo bom conto de fantasia, os deste livro se constroem pela magia e numa narrativa saborosa, mas que acima de tudo são grandes metáforas que analisam o comportamento humano, e justamente por isso são sempre muito atuais;

3 - Em As 3 Princesas Negras, conto que dá nome a esta seleção, por exemplo, o leitor irá deparar-se com questões que envolvem honradez, ao mesmo tempo que outros personagens demonstram a fragilidade quando postos numa situação de poder; ou seja, em cada linha de texto é possível com que o leitor tire suas próprias conclusões;

4 - Já em As Três Irmãs, há questões como a cobiça e o aviltamento humano, ao mesmo tempo que o conto também promove de certa forma uma reflexão quanto ao encontro dos diferentes;

5 - Mas há em todos os contos deste livro elementos que os unem, tal como a questão indispensável aos contos de fada que é o amor, e sim, me parece que sua presença humaniza as coisas, e também em todos eles surge as questão financeira (naqueles tempos a riqueza que se tinha em ouro) que determina poder e o próprio ato de "ser"

6 - No entanto, a "grande armadilha" que os contos de Grimm nos enredam é justamente sua aparente simplicidade, mas que olhada sob aspecto mais cuidadosos, [a] poderemos perceber a quantidade de temas relevantes [b] podemos encontrar nestes contos;

7 - Aliás, nos trabalhos presentes neste livro, além de uma fantasia cujas imagens nos são realmente fantásticas, e tramas estruturadas a tal ponto de nos fornecer encanto por sua criatividade, há também uma presença mítica e misteriosa do uso dos números nos contos reunidos no livro;

8 - Não sei o nível da adaptação informada ao leitor, a qual é feita pela tradutora e organizadora Georgette Silen, mas é possível dizer que o texto mantém-se fiel aos demais trabalhos dos Irmãos Grimm;

9 - Também cabe ressaltar o lindo trabalho de produção feita pela Giz Editorial neste livro. Uma linda capa e ilustrações de Jean Galvão que captam toda a esfera mágica do texto, que fazem do produto final, um conjunto muitíssimo bom;

10 - Enfim, As 3 Princesas Negras e outros contos dos Irmãos Grimm, mais do que a possibilidade de conhecer contos não tão famosos deles, é sim uma leitura indispensável para quem busca fantasia de alta qualidade e com conteúdo que fazem da literatura algo tão relevante para nós.

R5- Métrica

1 - Métrica, de Colleen Hoover é um romance jovem que de certa forma carrega os principais clichês do gênero através de uma história que flui durante a leitura, sendo ainda salpicado por fortes dramas pessoais, tudo isso temperado com bastante humor, que torna a leitura incrivelmente leve;

2 - Uma das coisas que me chamou a atenção, e [a] vocês poderão perceber com o quadro de notas, é o mistério de sua capa, que ao completar a leitura do livro ainda não consegui encontrar a relação entre ela e o conteúdo do livro. Além disso não fosse o seu estilo misterioso que remete inclusive aos livros de suspense, acaba sendo uma capa opaca diante seu conteúdo;

3 - O livro acompanha o romance, ou a impossibilidade deste, de Lake, uma jovem com traumas recentes e que precisa mudar de cidade, e Will Cooper. Embora o casal carregue os clichês deste tipo de leitura, como a impossibilidade do relacionamento, a menina com a prepotência e arrogância juvenil, e com dificuldade de compreender as coisas, acabam também em cada uma de suas vidas carregando dramas pessoais fortes de mesmo que suavizados na escrita, densos;

4 - O livro consegue manter uma narrativa suave e humorada, e mesmo nos momentos de cargas mais dramáticas de emoção, a surrealidade de como os personagens lidam com determinados assuntos intragáveis, acaba pormenorizando os temas que [b] queremos evitar como a morte;

5 - O romance mostra ao leitor uma atividade cultural muito interessante que é o Slam, onde se declamam poesias próprias e se submetem a uma pontuação. As sessões de Slam no Club N9ne são um dos pontos fortes do livro;

6 - Além disso, Colleen Hoover consegue imprimir uma narrativa fluente em todo o livro permitindo com que o leitor destrinche a leitura de uma forma muito rápida;

7 - Retornando aos conflitos do romance entre Lake e Will, são eles que conduzem o enredo, no entanto as vezes parece que tais dificuldades estão mais dentro de si mesmos, do que nos fatos que os cercam;

8 - Diferentemente de outros livros de gênero, os conflitos e as disputas no ambiente escolar passam quase que despercebidos em Métrica, que tem na amizade instantânea de Lake e Eddie um destes exemplos;

9 - Métrica também é um livro para quem gosta da poesia, e pela poesia, pois o livro mesmo com seus romances e seus dramas, deseja mesmo é promover o Slam e a poesia;

10 - Enfim, Métrica é uma leitura jovial, que tem seus momentos de reflexões e suas mensagens, e com certeza é uma leitura que deve agradar um grande número de leitores;

R6- Perdendo-me

1 - Perdendo-me, de Cora Carmack é um livro capaz de prender pela leitura numa história comovente na qual [a] passamos a torcer pela protagonista da trama superar seu próprio muro que ela constrói;

2 - O livro é uma história de amor cujo pano de fundo apresenta a discussão sobre o tema virgindade, neste obra abordado sem grandes tabus;

3 - Cora Carmack desta forma instiga a leitura através da curiosidade quanto ao desfecho de uma série de encontros e desencontros que acontecem na trama;

4 - Ambientado num universo cultural impregnado de artistas e com referências ao teatro, ao longo da leitura [b] podemos ver diversas citações, especialmente a influências de Shakespeare;

5 - Outro questão aparente no livro, especialmente através da protagonista Bliss, é a obsessão por controle, pois ela está sempre fugindo do que não pode controlar, o que acaba lhe distanciando de certas coisas, o sexo, por exemplo, justificando sua "tardia" virgindade;

6 - Aliás, outra característica que muitas vezes acaba por amarrar Bliss é sua personalidade que a faz pensar muito, do que propriamente agir, traçando um paralelo que pode ser compartilhando com muitas leitoras;

7 - O erotismo presente no livro é suave e delicado, mas mesmo assim sem perder o caráter "caliente" em suas cenas eróticas;

8 - Voltando um pouco a Bliss, que narra o livro, podemos perceber sua inteligência e extroversão, o que garante uma leitura tranquila e ágil;

9 - Mantendo a estrutura muito presente nos romances do gênero o livro acaba não trazendo grandes novidades, mas ainda assim uma boa opção de entretenimento;

10 - Enfim, Perdendo-me é um livro bem humorado e uma boa companhia para a diversão de quem gosta de histórias doces e românticas

